

# Um Artista da Fome

por

Franz Kafka



[www.rfp.org.uk](http://www.rfp.org.uk)

# Um Artista da Fome

Durante essas últimas décadas, o interesse pelo jejum profissional diminuiu acentuadamente. Costumava pagar muito bem a realização de grandes apresentações sob administração própria, mas hoje isso é praticamente impossível. Nós vivemos em um mundo diferente agora. Houve uma época em que toda a cidade se interessou pelo artista da fome; Dia após dia de seu jejum a excitação aumentava; todos queriam vê-lo pelo menos uma vez por dia; havia pessoas que compravam ingressos de temporada nos últimos dias e sentavam de manhã à noite em frente às barras de sua pequena jaula; até mesmo durante a noite havia horas de visita, quando todo o efeito era aumentado pelas tochas; nos dias de folga, a gaiola era exposta ao ar livre, e então havia tratamento especial para as crianças que iriam ver o artista faminto; para os mais velhos, muitas vezes era apenas uma brincadeira que por acaso estava na moda, mas as crianças ficavam boquiabertas, segurando as mãos um do outro para maior segurança, maravilhadas com ele, pálido de meias pretas, com as costelas saindo proeminentemente, nem mesmo havia um assento, embaixo apenas a palha no chão, às vezes dando um aceno cortês, respondendo a perguntas com um sorriso constrangido, ou talvez esticando um braço através das barras para que se sentisse como era magro e então recuando profundamente. Ele não prendia atenção a ninguém nem em nada, nem mesmo ao importante golpe do relógio que era a única peça de mobília em sua gaiola, mas apenas olhando para o vazio com os olhos meio fechados, tomando um gole de vez em quando. Um minúsculo copo de água para umedecer seus lábios.

Além de espectadores casuais, havia também reles observadores permanentes selecionados pelo público, geralmente açougueiros, por mais estranho que parecesse, e era sua tarefa observar o artista da fome dia e noite, três deles de cada vez, caso ele tivesse algum recurso secreto para nutrição. Isso não passava de uma formalidade, instigada para tranquilizar as massas, pois os iniciados sabiam muito bem que durante o jejum o artista jamais em circunstância alguma, nem mesmo sob compulsão forçada, engoliria o menor pedaço de comida; a honra de sua profissão proibia isso. Nem todo observador, é claro, era capaz de entender isso, havia frequentemente grupos de observadores noturnos que eram muito frouxos em cumprir suas tarefas e deliberadamente se amontoavam em um canto do aposento para jogar cartas com grande absorção, obviamente pretendendo dar ao artista a chance de algum alívio, onde eles supunham

que ele tiraria de algum tesouro privado. Nada incomodava mais o artista do que esses observadores; eles o fizeram infeliz; eles fizeram seu jejum parecer insuportável; às vezes ele dominava sua fraqueza o suficiente para cantar durante a vigília por quanto tempo pudesse continuar, para mostrar-lhes quão injustas eram suas suspeitas. Mas isso foi de pouca utilidade; eles só se perguntavam por sua inteligência em poder encher sua boca mesmo enquanto cantava. Muito mais a seu gosto foram os vigias que se sentaram perto das barras, que não se contentavam com a fraca iluminação noturna do salão, mas o focalizavam no clarão total da lanterna elétrica dada pelo empresário. A luz forte não o incomodava de maneira alguma, em qualquer caso ele nunca conseguia dormir direito, e ele sempre conseguia se afastar um pouco, qualquer que fosse a luz, a qualquer hora, mesmo quando o salão estava lotado de espectadores barulhentos. Ele estava muito feliz com a perspectiva de passar uma noite sem dormir com tais observadores; ele estava pronto para trocar piadas com eles, contar-lhes histórias de sua vida nômade, qualquer coisa para mantê-los acordados e demonstrar a eles novamente que ele não tinha comestíveis em sua gaiola e que estava jejuando. Mas seu momento mais feliz foi quando a manhã chegou e um enorme café da manhã foi trazido para eles, às custas dele, no qual eles se lançaram com o apetite aguçado de homens saudáveis após uma cansada noite de vigília. É claro que haviam pessoas que argumentavam que esse café da manhã era uma tentativa injusta de subornar os observadores, mas isso estava indo longe demais e quando eles foram convidados a fazer uma vigília noturna sem um café da manhã, apenas pela causa, eles se faziam escassos, embora eles persistissem obstinados em suas suspeitas.

Tais suspeitas, de qualquer forma, eram um acompanhamento necessário para a profissão de jejum. Ninguém poderia vigiar o artista da fome continuamente, dia e noite, e assim ninguém poderia provar em primeira mão que o jejum tinha sido realmente rigoroso e contínuo; somente o próprio artista poderia saber que, portanto, ele estava fadado a ser o único espectador completamente satisfeito de seu próprio jejum. Ainda por outras razões, ele nunca ficou satisfeito; não foi talvez o mero jejum que o levou a essa magreza tão esquelética que muitas pessoas tinham se arrependido de manter longe de suas exposições, porque a visão dele era demais para elas, talvez fosse a insatisfação consigo mesmo que o desgastara. Pois só ele sabia, o que nenhum outro iniciado sabia, como era fácil jejuar. Foi a coisa mais fácil do mundo. Ele não fazia segredo disso, mas as pessoas não acreditavam nele, na melhor das hipóteses eles o consideravam modesto, a maioria deles, no entanto, achava que ele

estava suspeito para publicidade ou então era algum tipo de trapaceiro que achava fácil jejuar porque ele descobriu uma maneira de facilitar as coisas, e então teve a imprudência de admitir o fato, mais ou menos. Ele teve que aturar tudo isso, e com o tempo se acostumou, mas sua insatisfação interna sempre irritava, e nunca ainda, depois de qualquer jejum - isso deve ser concedido ao seu crédito - havia deixado a gaiola por livre vontade. O período mais longo de jejum foi fixado por seu empresário em quarenta dias, além do termo que ele não tinha permissão para sair, nem mesmo nas grandes cidades, e também havia bons motivos para isso. A experiência provara que, durante cerca de quarenta dias, o interesse do público podia ser estimulado por uma pressão cada vez maior de propaganda, mas depois disso a cidade começou a perder o interesse, o apoio solidário começou a cair; havia, naturalmente, variações locais entre uma cidade e outra ou um país e outro, mas, como regra geral, quarenta dias marcavam o limite. Assim, no quadragésimo dia a gaiola enfeitada de flores foi aberta, espectadores entusiasmados encheram o salão, uma banda militar tocou, dois médicos entraram na gaiola para medir os resultados do jejum, que foram anunciados através de um megafone, e finalmente duas moças apareceram, felizes por terem sido escolhidas para a honra, para ajudar o artista da fome a descer os poucos degraus que levavam a uma pequena mesa na qual estava espalhada uma refeição inválida cuidadosamente escolhida. E neste exato momento o artista sempre se tornou teimoso. É verdade que ele confiaria seus braços ósseos às mãos estendidas de ajuda das damas debruçadas sobre ele, mas não se levantaria. Por que parar de jejuar neste momento em particular, depois de quarenta dias? Ele tinha resistido por um longo tempo, um tempo infinitamente longo, por que parar agora, quando ele estava em sua melhor forma de jejum, ou melhor, ainda não completamente em sua forma de jejum? Por que ele deveria ser impedido da fama que obteria por jejuar por mais tempo, por não ser apenas o artista da fome de todos os tempos, o que presumivelmente ele já era, mas por bater seu próprio recorde por uma performance além da imaginação humana? não havia limites para sua capacidade de jejuar? Seu público fingiu admirá-lo tanto, por que deveria ter tão pouca paciência com ele; se ele pudesse suportar jejum por mais tempo, por que o público não deveria suportar isso? Além disso, ele estava cansado, ele estava confortável sentado na palha e agora ele deveria levantar-se a sua altura total e descer para uma refeição - pensamento de que lhe deu uma náusea que só a presença das senhoras o manteve de trair, e até mesmo com um esforço. E ele olhou nos olhos das senhoras que eram aparentemente tão amigáveis e, na realidade, tão cruéis, e balançou a cabeça, o que parecia pesado demais em seu

pescoço sem força. Mas então aconteceu de novo o que sempre aconteceu. O empresário se adiantou, sem dizer uma palavra - pois a banda impossibilitou a fala - ergueu os braços no ar acima do artista, como se estivesse convidando o Céu a olhar para essa criatura aqui na palha, esse sofrido mártir, que de fato era, embora em outro sentido. Agarrou-o ao redor da cintura emaciada, com cautela exagerada, de modo que a frágil condição em que ele se encontrava pudesse ser apreciada; e entregou-o ao cuidado das damas, não sem lhe dar um tremor secreto, de modo que suas pernas e corpo cambaleassem oscilando. O artista estava agora submetido completamente; sua cabeça descansava sobre o peito como se tivesse pousado ali por acaso; seu corpo estava oco; suas pernas, em um espasmo de autopreservação, agarravam-se umas às outras nos joelhos, ainda raspando no chão como se não fosse o chão realmente sólido, como se estivessem apenas tentando encontrar um chão sólido; e todo o peso de seu corpo, um peso pluma depois de tudo, recaía sobre uma das senhoras, que, procurava por ajuda e ofegava um pouco - este posto de honra não era nada do que ela esperava - primeiro esticou-a o pescoço o mais longe que podia para manter o rosto pelo menos livre de contato com o artista, então achando isso impossível, e sua companheira mais afortunada não vindo em seu auxílio, mas apenas segurando estendida em sua própria mão trêmula o pequeno grupo de dedos que era do artista, para grande deleite dos espectadores, irrompeu em lágrimas e teve de ser substituída por uma atendente que há muito tempo se encontrava preparada. Então veio a comida, um pouco do qual o empresário conseguiu passar entre os lábios do artista, enquanto ele se sentava em uma espécie de transe semi-mortal, ao acompanhamento de um alegre discurso projetado para distrair a atenção do público para a condição do artista; depois disso, um brinde foi servido para o público, supostamente solicitado por um sussurro do artista no ouvido do empresário; a banda confirmou isso com um poderoso flerte, os espectadores se dispersaram, e ninguém teve qualquer motivo para ficar insatisfeito com o processo, ninguém exceto o próprio artista da fome, ele apenas, como sempre.

Assim, ele viveu por muitos anos, com pequenos intervalos regulares de recuperação, em visível glória, honrados pelo mundo, mas apesar disso, perturbado em espírito, e ainda mais perturbado porque ninguém levaria a sério o problema. Que conforto ele poderia precisar? O que mais ele poderia desejar? E quando alguma pessoa bem-humorada, lamentando-se por ele, tentava consolá-lo dizendo que sua melancolia provavelmente foi causada pelo jejum, poderia acontecer, especialmente quando ele jejuou

por algum tempo - o que ele reagiu com uma explosão de a fúria e para o alarme geral começou a sacudir as barras de sua gaiola como um animal selvagem. No entanto, o empresário tinha uma maneira de punir esses surtos que ele gostava de colocar em operação. Ele pedia desculpas publicamente pelo comportamento do artista, que só deveria ser desculpado, ele admitiu, por causa da irritabilidade causada pelo jejum; uma condição dificilmente entendida por pessoas bem alimentadas; depois, em meio a uma transição natural, ele mencionou o orgulho igualmente incompreensível do artista de poder jejuar por muito mais tempo do que estava fazendo; elogiou a alta ambição, a boa vontade, a grande abnegação indubitavelmente implícita em tal declaração; e então simplesmente retrocedeu, tirando fotos, que também estavam à venda para o público, mostrando o artista no quadragésimo dia de um jejum na cama quase morto de exaustão. Essa perversão da verdade, embora familiar ao artista, sempre o enervou e de novo se mostrou demais para ele. O que foi uma consequência do término prematuro de seu jejum foi aqui apresentado como a causa disso! Lutar contra essa falta de compreensão, contra todo um mundo de não-compreensão, era impossível. Uma e outra vez, de boa fé, ele ficou ao lado das barras ouvindo o empresário, mas assim que as fotografias começavam, ele sempre soltava e afundava com um gemido de volta em seu canto, e o público tranquilo mais uma vez se aproximou e olhou para ele.

Alguns anos mais tarde, quando as testemunhas de tais cenas os chamavam à mente, muitas vezes não conseguiam entender a si mesmos. Por enquanto, a mencionada mudança no interesse público havia se estabelecido; parecia acontecer quase da noite para o dia; pode ter havido causas profundas para isso, mas quem iria se preocupar com isso; de qualquer modo, o mimado artista da fome de repente viu-se desanimado no dia em que os caçadores de diversões passavam por ele indo para outras atrações mais favorecidas. Pela última vez, o empresário apressou-o a atravessar metade da Europa para descobrir se o antigo interesse ainda poderia sobreviver aqui e ali; tudo em vão; em toda parte, como se por acordo secreto, uma reação positiva do jejum profissional estava em evidência. É claro que não poderia ter surgido tão repentinamente assim, e muitos sintomas premonitórios que não haviam sido suficientemente observados ou reprimidos durante a pressa e o brilho do sucesso agora vieram à mente retrospectivamente, mas agora era tarde demais para tomar quaisquer contramedidas. O jejum com certeza voltaria à moda em alguma data futura, mas isso não servia de consolo para aqueles que viviam no presente. O que, então, podia o artista da

fome fazer? Ele havia sido aplaudido por milhares de pessoas em seu tempo e dificilmente poderia descer para se apresentar em um estande de rua nas feiras de vilarejos, e quanto a adotar outra profissão, ele não era apenas muito velho para isso, mas fanaticamente dedicado ao jejum. Assim, ele se despediu do empresário, seu parceiro em uma carreira inigualável, e foi contratado em um grande circo; a fim de poupar seus próprios sentimentos, ele evitou ler as condições de seu contrato.

Um grande circo com o seu enorme tráfego na substituição e recrutamento de homens, animais e aparelhos pode sempre encontrar uma ocupação para as pessoas a qualquer momento, mesmo para um artista da fome, desde, claro, que ele não peça muito, e neste caso particular de qualquer forma, não foi apenas o artista que foi contratado, mas também seu famoso e conhecido nome, de fato, considerando a natureza peculiar de sua performance, que não foi prejudicada pela idade avançada, não se pode objetar que aqui foi um artista passado seu auge, não mais no auge de sua habilidade profissional, buscando um refúgio em algum canto sossegado de um circo; pelo contrário, o artista da fome afirmava que ele podia jejuar tão bem quanto antes, o que era inteiramente crível, até alegava que, se lhe permitissem jejuar como bem entendesse, e isso lhe prometia sem mais demora, ele poderia surpreender o mundo estabelecendo um recorde nunca alcançado, uma afirmação que certamente provocou um sorriso entre os demais profissionais, já que desconsiderou a mudança de opinião pública, que o artista da fome em seu zelo convenientemente esqueceu.

Ele não tinha, no entanto, perdido o senso da situação real e aceitou como é óbvio que ele e sua gaiola deveriam estar posicionados, não no meio do ringue como uma atração principal, mas do lado de fora, perto das jaulas dos animais, em um local que era afinal de contas facilmente acessível. Grandes e alegres cartazes pintados formavam uma moldura para a gaiola e anunciavam o que era para ser visto dentro dela. Quando o público se espalhava nos intervalos para ver os animais, dificilmente poderiam evitar passar na gaiola do artista da fome e parar ali por um momento, talvez pudessem até ter ficado mais tempo, não tivesse aqueles atrás no corredor estreito sem entender o porque da parada no caminho antes da chegada ao zoológico, isso tornava impossível que alguém ficasse olhando por um longo período de tempo. E essa foi a razão pela qual o artista da fome, que obviamente estava ansioso por essas horas de visita como a principal conquista de sua vida, começou a se afastar deles. A princípio, ele mal podia esperar pelos intervalos; era emocionante ver as multidões vindo em

sua direção, até que - nem mesmo o mais obstinado auto-engano, agarrado a quase consciente convicção, poderia resistir ao fato - de que essas pessoas, a maioria delas, a julgar por suas ações, repetidas vezes, sem exceção, estavam todos a caminho do zoológico. E a primeira visão deles à distância permaneceu a melhor. Quando chegaram à gaiola, ele foi imediatamente ensurdecido pela tempestade de gritos e abusos que surgiram das duas facções contendoras, que se renovavam continuamente, daqueles que queriam parar para olhá-lo - ele logo começou a não gostar deles mais do que os outros - não por interesse real, mas apenas por auto-afirmação obstinada, e por aqueles que queriam ir direto para os animais. Quando a primeira grande leva passou, os retardatários apareceram, e estes, a quem nada poderia impedir de parar para olhá-lo enquanto respiravam, passaram a passos largos, mal olhando para ele, na pressa de chegar rápido ao zoológico. E muito raramente acontecia que ele tivesse um golpe de sorte, quando um pai de uma família se reuniu diante dele com seus filhos, apontou o dedo para o artista faminto, e explicou demoradamente o que o fenômeno significava, contando histórias anteriores, anos em que ele mesmo assistiu performances semelhantes, mas muito mais emocionantes, e as crianças, ainda sem entender, já que nem dentro nem fora da escola estavam suficientemente preparadas para essa lição - por que elas se preocupavam com o jejum? - ainda mostrou pelo brilho de seus olhos atentos que novos e melhores tempos poderiam vir. Talvez, disse o artista da fome para si mesmo, muitas vezes, as coisas seriam um pouco melhores se sua gaiola não estivesse tão perto do zoológico. Isso tornava muito fácil para as pessoas fazerem suas escolhas, para não falar do que ele sofria com o fedor do zoológico, a inquietude dos animais à noite, o transporte de pedaços crus de carne para os animais de rapina, o rugido de tempos de alimentação, deprimindo ele continuamente. Mas ele não se atreveu a apresentar uma queixa à gerência; afinal de contas, ele tinha os animais para agradecer pelas tropas de pessoas que passavam por sua gaiola, entre as quais sempre podia haver um aqui e ali para se interessar por ele, e quem poderia dizer onde eles poderiam isolá-lo se ele chamasse a atenção para sua existência e, portanto, ao fato de que, estritamente falando, ele era apenas um impedimento no caminho para o zoológico.

Um pequeno impedimento, com certeza, um que crescia cada vez menos. As pessoas se acostumaram com a estranha ideia de que podiam esperar, em tempos como esses, que se interessassem por um artista da fome e, com essa familiaridade, o veredicto saiu contra ele. Ele poderia jejuar o máximo que pudesse e assim o fez; mas nada poderia salvá-lo agora, as



pessoas passavam por ele. Apenas tente explicar para qualquer um a arte do jejum! Qualquer um que não tenha nenhum sentimento não pode entender. Os belos cartazes ficaram sujos e ilegíveis, foram demolidos; o pequeno quadro de avisos que mostrava o número de dias de jejum alcançados, que no princípio mudavam cuidadosamente todos os dias, ficara muito tempo no mesmo valor, pois, depois das primeiras semanas, até mesmo essa pequena tarefa parecia sem sentido para a equipe; e assim o artista simplesmente jejuava sem parar, como ele uma vez sonhara fazer, e isso não foi um problema para ele, como ele sempre predisse, mas ninguém contava os dias, ninguém, nem mesmo o próprio artista, sabia que recorde ele já estava quebrando e seu coração ficou pesado. E quando, de vez em quando, algum transeunte vagaroso parava, festejava a velha figura do quadro e falava em fraude, essa era a mentira mais idiota inventada pela indiferença e malícia congênita, já que não era o artista da fome quem estava enganando, ele estava trabalhando honestamente, mas o mundo estava enganando-o de sua recompensa.

Muitos outros dias se passaram, no entanto, e isso também chegou ao fim. Um dos olhos do inspetor caiu sobre a gaiola um dia e ele perguntou aos funcionários por que essa gaiola perfeitamente boa deveria ser deixada ali, sem uso e com palha suja dentro dela; ninguém sabia, até que um homem, ajudado pelo quadro de avisos, se lembrou do artista da fome. Eles cutucaram a palha com paus e o encontraram nela. "Você ainda está jejuando?", Perguntou o supervisor, "quando na terra você pretende parar?" "Perdoe-me, todo mundo", sussurrou o artista da fome; apenas o supervisor, que tinha o ouvido nas barras, entendia-o. "Claro", disse o inspetor, e bateu a testa com um dedo para deixar os funcionários saberem o estado mental em que o homem estava, "nós te perdoamos". "Eu sempre quis que você admirasse meu jejum", disse o artista. "Nós o admiramos", disse o supervisor, afavelmente. "Mas você não deveria admirá-lo", disse o artista da fome. "Bem, então nós não admiramos isso", disse o supervisor, "mas por que não devemos admirar isso?" "Porque eu tenho que jejuar, não posso evitar", disse o artista da fome. "Que personagem você é", disse o supervisor, "e por que você não pode se ajudar?" "Porque", disse o artista de fome, levantando um pouco a cabeça e falando, com os lábios franzidos, como se fosse um beijo, bem no ouvido do supervisor, para que nenhuma sílaba se perca, "porque não encontrei a comida de que gostava. Se eu tivesse encontrado, acredite em mim, eu não faria nada e teria me fartado como você ou qualquer outra pessoa." Estas foram suas últimas palavras, mas seus olhos esmaecidos permaneceram firmes em persuadir, embora não mais orgulhosos, de que ele ainda continuava o jejum.

"Bem, limpe isso agora!", Disse o supervisor, e eles enterraram o artista da fome, palha e tudo. Na gaiola eles colocaram uma jovem pantera. Mesmo os mais insensíveis sentiam-se revigorados ao verem essa criatura selvagem saltando ao redor da gaiola que há tanto tempo era sombria. A pantera estava bem. A comida de que ela gostava lhe foi trazida sem hesitação pelos atendentes; ela parecia nem sentir falta de sua liberdade; seu nobre corpo, móbil quase ao ponto de ruptura e com tudo o que precisava, parecia carregar a liberdade com ela também; em algum lugar em suas mandíbulas, parecia se esconder a alegria da vida transmitida com uma paixão tão ardente de sua garganta que, para os espectadores, não era fácil suportar o choque. Mas eles se prepararam, cercaram a gaiola e não quiseram se afastar.

## Sobre a Tradução

Tradução por Rafael Palma em 2012 a partir da versão inglesa.

Fonte: <http://www.kafka.org>

RFP.org.UK



**Sobre questões de direito autoral, este texto pode ser:**

- 1º Distribuído com ou sem fins comerciais.
- 2º Citado, dados os devidos créditos ao autor da obra.
- 3º Modificado, se retirado o título, o nome do autor e do editor.

Última revisão por Rafael Palma: Sáb, 29 de Junho de 2019

Primeira edição eletrônica em Sáb, 19 de Maio de 2012

Obra sob domínio público.